



**FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI**

CURSO: PSICOLOGIA

RAFAELA SOUZA CAMPOS

**SOCIEDADE, MÍDIAS DIGITAIS E CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

**TEÓFILO OTONI
2020**

RAFAELA SOUZA CAMPOS

**SOCIEDADE, MÍDIAS DIGITAIS E CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Artigo científico apresentado à Faculdade Presidente
Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito
parcial para conclusão do curso de Psicologia

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Alcilene Lopes de Amorim Andrade

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

Carlos Renato Oliveira Faria

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

Andressa O. Macedo

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

SOCIEDADE, MÍDIAS DIGITAIS E CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

SOCIETY, DIGITAL MEDIA AND CONTEMPORANEITY: A LOOK AT INTERPERSONAL RELATIONSHIPS

Rafaela Souza Campos

Graduanda no curso de Psicologia, Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, E-mail: rafaelacampos.rsc@gmail.com

Carlos Renato Oliveira Faria

Professor no curso de Psicologia, Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, E-mail: crofpsi@gmail.com

Resumo

O presente estudo busca através de uma revisão de literatura, tecer uma discussão acerca dos processos de evolução da sociedade, ressaltando a interferência das mídias digitais na formação da identidade e constituição da subjetividade e como estes impactam nas relações interpessoais na contemporaneidade, destacando elementos que auxiliem na aproximação da temática proposta e assim, contribuir para compreensão do mesmo. Portanto, compreende-se que a sociedade humana, passou por um longo processo de desenvolvimento, marcado pela presença de elementos intrínsecos a cada etapa que demarcaram as características sociais que impactaram diretamente na formação dos processos identitários e de subjetivação de cada indivíduo em um dado momento histórico, culminando na atualidade fortemente caracterizada pela função da internet e das mídias digitais nos modos de ser e de se relacionar de cada indivíduo. Neste contexto, cabe a psicologia enquanto ciência e profissão, tecer conjecturas que auxiliem na compreensão desses fatores e, desta forma, contribuir para a compreensão dos modos de ser e pensar deste indivíduo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sociedade; Mídia; Identidade; Subjetividade; Relações Sociais.

Abstrat

The present study, searches through a literature review, to weave a discussion about the processes of evolution of society, emphasizing the interference of digital media in the formation of identity and constitution of subjectivity and how these impact on interpersonal relationships in the contemporary, highlighting elements that help to approach the proposed theme and thus contribute to its understanding. Therefore, it is understood that human society, went through a long development process marked by the presence of intrinsic elements at each stage that demarcated the social characteristics that directly impacted on the formation of the identity and subjectivation

processes of each individual at a certain historical moment, culminating in the present strongly characterized by the function of the Internet and digital media in the ways of being and relating of each individual. In this context, it's up to psychology as a science and profession to weave conjectures that help in the understanding of these factors, in this way, contribute to the understanding of the ways of being and thinking of this individual in the contemporaneity

Keywords: Society; Media; Identity; Subjectivity; Social Relationships

1 Introdução

Dentre os principais agentes transformadores presente na sociedade contemporânea destacam-se os meios de comunicação e os avanços tecnológicos, que a cada dia dominam as esferas que vão do individual ao coletivo, nos diversos aspectos como os sociais, econômicos e culturais. Com o advento da internet, as mídias digitais vêm transformando o cotidiano dos indivíduos, que passou a ressignificar suas formas de interação com o outro, haja vista que nos constituímos através das nossas relações, impactando na maneira como nos relacionamos na contemporaneidade.

A mídia sempre exerceu constante influência no que diz respeito à constituição da identidade, subjetividade e das relações e, com mídias digitais, representadas na contemporaneidade pela diversidade e agilidade de novos conteúdos em rede global disseminados pela internet, amplia-se o potencial de produção desses aspectos, modificando as experiências físicas, mentais e sociais dos sujeitos.

Perante essa nova era tecnológica das mídias digitais, podemos ressaltar as contribuições da Psicologia, já que a mesma estuda e entende cada ser humano por meio da dimensão que corresponde seu campo mental, representativo e simbólico, o mais conhecido como estudo da relação mente e corpo e, sendo ela uma área ampla enquanto ciência e profissão, a mesma oferece base para a discussão das interferências e características históricas no que diz respeito à constituição do sujeito e consequentemente das relações estabelecidas pelo mesmo.

Diante das implicações dos processos provenientes das mídias digitais e concomitantemente da influência destas sobre o indivíduo, o presente estudo evidencia a seguinte questão: quais os impactos sobre o indivíduo inserido em uma sociedade conectada no contexto da constituição das relações interpessoais na

contemporaneidade?

A partir desta problemática se objetiva traçar uma discussão acerca de como as mídias digitais se tornaram emergentes para as relações do indivíduo na contemporaneidade. Portanto, o presente estudo busca descrever os processos de evolução da sociedade, ressaltando a interferência das mídias digitais na formação da identidade, a contribuição da psicologia na compreensão da constituição da subjetividade e como estes impactam nas relações interpessoais na contemporaneidade, destacando elementos que auxiliem na aproximação da temática proposta e assim, contribuir para compreensão do mesmo.

2 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida mediante uma revisão bibliográfica, que de acordo com Gil (2002, p. 42), a obtenção dos dados é realizada a partir de estudos já publicados em "... livros, obras de referência, periódicos, teses e dissertações".

A coleta dos dados foi realizada através de publicações periódicas científicas, com foco nos impactos das mídias digitais nas relações interpessoais, publicados no formato físico e também eletrônico de acordo com o tema proposto, sendo eles PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, BVS-Psi Brasil (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil), e portais de Universidades.

As obras revisadas estão relacionadas ao período de 2010 e 2020, além de considerar algumas publicações antigas retratadas em livros e suas releituras avaliadas como importantes para o levantamento de dados e comparações de períodos históricos para a realização dessa pesquisa, com ressalva também de autores clássicos como, Foucault, Guiddens, Bauman, Durkheim, dentre outros.

A análise dos dados obtidos foi desenvolvida mediante uma revisão narrativa, que objetivou vislumbrar um panorama sobre as produções já realizadas sobre o objeto de estudo proposto, de modo a fornecer todo um panorama acerca de um tópico específico e evidenciando novos pensamentos emergentes, bem como novas percepções metodológicas e ou novos conjuntos temáticos em destaque na literatura.

Desta forma, tal procedimento se fez necessário ao esclarecimento do objeto de estudo mediante aportes teóricos científicos, e pela verificação da consistência dessas informações em relação ao que é apresentado pelos principais teóricos sobre o tema, bem como, a delimitação das contribuições culturais e científicas da mesma.

3 Revisão da Literatura

3.1 Evolução histórica da sociedade

As considerações acerca da sociedade humana e seu papel na constituição de cada indivíduo tem sua evolução diante o estabelecimento de seu conceito e de como ele é abordado e atribuído em cada período vivido, tendo-se em vista as inúmeras facetas que corroboram para a sua interpretação.

Durkheim (1965) apresenta singular contribuição para a compreensão ao afirmar que a sociedade poderia ser compreendida como um conjunto de normatizações socialmente estabelecidas, que cada indivíduo deveria cumprir no intuito de se prover a manutenção da ordem social, para tal, cada indivíduo seria detentor de um papel específico, que contribuiria para a manutenção desta sociedade.

A perspectiva durkheimiana apresenta uma concepção de sociedade atrelada ao caráter restritivo do indivíduo, ou seja, nesta perspectiva a compreensão de sociedade imputa ao indivíduo a condição de mantedor da ordem social em prol da manutenção da sociedade. Contudo, traz também a perspectiva de que esta sociedade viria por impor ao indivíduo – seu mantedor – códigos e regulamentos que inibiriam as possibilidades de ações do próprio indivíduo em função da manutenção do *status quo* social.

Já para Elias (1994) a sociedade seria uma composição de todos os indivíduos, numa concepção que possibilita a existência de diferentes sociedades, assim, para esta prerrogativa teórica, a sociedade seria composta por diferentes grupos e ou comunidades, de modo que, em diferentes épocas poder-se-á observar diferentes sociedades em um mesmo grupo social.

Sendo assim, podemos observar que a evolução da maneira de pensar e compreender a sociedade estão diretamente relacionados com a transmissão dos valores presentes em cada sociedade, dando-se destaque, neste contexto, para o

processo de socialização, onde o indivíduo é inserido em seu meio social e, portanto, esse procedimento vem realizar a “unificação” de todos os indivíduos dentro de determinados grupos sociais, a partir de critérios específicos para cada grupo, de modo que, pode-se constatar “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. (LARAIA, 2017, p. 68).

Igualmente, ao se pensar na correlação entre o processo de socialização e a transmissão dos aspectos culturais inerentes a cada sociedade, Santos (2006), salienta que cultura, e todos os fenômenos a ela pertencentes:

... diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. (SANTOS, 2006, p. 42-43).

Portanto, ao se evidenciar os processos relacionados às práticas culturais e seus impactos na própria formação do indivíduo enquanto um agente atuante na sociedade em que está inserido, busca-se a compreensão de uma perspectiva de cultura que refere-se a um conjunto de práticas e pensamentos que buscam enunciar padrões específicos nos modos de agir e pensar de determinados grupos sociais.

Ainda no que tange ao debate acerca de sociedade e seus impactos sobre o indivíduo, Rousseau (2014), salienta que a mais antiga e natural de todas as sociedades é a da família, para ele, “é a família, portanto, o primeiro modelo das sociedades políticas; o chefe é a imagem do pai, o povo a imagem dos filhos...” (ROUSSEAU, 2014, p. 20-21). Desta forma, a família passa a ser vislumbrada enquanto o primeiro grande agente socializador do indivíduo, sendo ela a responsável pela apresentação dos primeiros conjuntos de regras e valores para o indivíduo.

Todavia, a partir das considerações apresentadas acerca de cultura e de seu papel na formação do indivíduo e na constituição da própria sociedade em si, observa-se o significativo papel das relações sociais fomentadas no cerne das famílias, conforme evidenciado por Rousseau (2014), enquanto sendo o primeiro grupo responsável pela fomentação de todo o arcabouço biopsicossocial do indivíduo.

Outro fator de significativo impacto acerca da maneira pela qual a sociedade é compreendida, ocorreu diante da emergência de um significativo processo de transformações que acarretou mudanças nas estruturas de toda a sociedade e, por consequência, na própria constituição do indivíduo, trata-se do processo de globalização.

Para Ungerer (2013),

A popularização do termo globalização se deu nas últimas décadas do século XX, com a enorme expansão do comércio internacional e a criação de empresas multinacionais atuando ao mesmo tempo em diversas partes do mundo. O deslocamento de grandes populações ao redor do globo, a fuga de cérebros de países com menos recursos para países com melhores oportunidades de trabalho, a terceirização da produção de bens de consumo para países menos desenvolvidos e com uma força de trabalho menos dispendiosa, a popularização de filmes, grupos musicais e cultura podem ser considerados efeitos da globalização, que, dessa forma, passou a ser considerada um evento do mundo moderno (UNGERER, 2013, p. 22).

Diante disso, e em decorrência de todo um processo de transformações desencadeadas pela globalização, as formas de compreender a sociedade e o próprio indivíduo vieram por sofrer significativas mudanças nas últimas décadas.

Assim, Magalhães (2010) afirma que com o advento da globalização, ocorre concomitantemente uma remodelação da própria ótica pela qual os indivíduos interagem uns com os outros, e, portanto, um remodelamento das estruturas da própria sociedade como um todo, que deixava agora de ser em um sentido micro – onde cada país detinha suas particularidades e era relativamente difícil para o indivíduo ter acesso a outras culturas – para passar a ser compreendida em uma escala global, uma vez que com o advento da internet e a expansão dos meios de comunicação, tornava-se cada vez mais fácil e rápida a difusão e acesso ao conhecimento e aos diferentes aspectos socioculturais.

Neste cenário de rompimento das fronteiras socioculturais, cabe salientar o importante papel que a internet exerceu no processo de globalização e das relações humanas, promovendo ao indivíduo condição de acessar a todo instante um leque quase infinito de informações a nível global.

Acerca do papel da internet na revolução dos meios de comunicação, pode-se observar:

Assistimos a uma sempre crescente revolução das tecnologias digitais, que abrange a convergência dos meios de telecomunicação com sistemas de computação. A internet constitui-se no meio mais amplamente conhecido dessa convergência digital, com profundo impacto em novas formas de relacionamentos pessoais e sociais, novas possibilidades de pesquisa e aprendizagem, novos tipos de organizações e formas de trabalho (DEIRO; SILVEIRA, 2004, p. 45).

Portanto, diante do impacto causado pela internet nos modos de interagir do próprio indivíduo, constata-se o emergir de uma nova forma de se relacionar na sociedade, marcada agora pela massiva presença da tecnologia nas relações humanas. Observar que o processo evolucionário da sociedade humana sempre foi demarcado por um forte interesse, no que tange, as evoluções tecnológicas, e assim, deve-se destacar o papel da internet no que diz respeito, a sua capacidade de aglutinar em um “único lugar” diferentes grupos sociais (MORETZOHN, 2012).

3.1.2 A sociedade conectada

Como destacado anteriormente a sociedade humana percorreu um logo processo de transformações até atingir o grau de desenvolvimento que é vislumbrado atualmente. Processo este que suscitou diversos fenômenos que impactaram nas maneiras pelas quais cada indivíduo compreende a si mesmo e ao outro nesta sociedade.

Desta forma, em uma sociedade cada vez mais demarcada pela ausência de fronteiras, em decorrência da expansão dos meios de comunicação em massa e o papel da internet como difusora em ampla escala de informações, vislumbra-se cada vez mais um indivíduo que é caracterizado pelo fascínio por tudo aquilo que configura como sendo uma extensão de si mesmo, onde as mídias são convertidas em uma extensão tangível do próprio indivíduo (McLUHAN, 1964).

A partir desta premissa, pode-se agora pensar qual o papel das mídias sociais em tempos de uma sociedade cada vez mais conectada, no processo de formação do próprio indivíduo e concomitantemente no processo de transformação contínuo da própria sociedade humana.

Neste contexto, Santaella (2003) salienta no que diz respeito às mídias, estas não deveriam ser compreendidas como sinônimo da cultura de massas, mas sim enquanto sendo um novo elemento, que não seria originário diretamente da cultura das massas, e em virtude disso as mídias deveriam ser compreendidas enquanto sendo um leque de

processos diretamente relacionados ao desenvolvimento de toda uma nova cultura midiática. Própria de uma sociedade cada vez mais demarcada pela presença da evolução tecnológica.

Assim, e em consequência dessas características únicas de uma sociedade cada vez mais conectada, “... cada um tem uma experiência diferente ao se relacionar com a mídia como desejar, podendo até customizar a sua experiência” (PAZ; MEURER, 2014, p. 02).

Em decorrência do processo de globalização e da ascensão do “livre acesso à internet”, e simultaneamente ao processo de construção de uma nova perspectiva de si mesmo, realizado pelo indivíduo em torno das mídias sociais, acaba por promover novas reformulações dos padrões sociais de interação entre os membros da sociedade humana como um todo.

Já Giddens (2002), destaca que a modernidade está diretamente vinculada a inserção do indivíduo em grupos, desta forma, sendo necessário sempre o vislumbrar da coletividade, o que provoca uma maior exposição da intimidade e sentimentos dos indivíduos. Associado a este processo a caráter cada vez mais institucionalizado e capitalista da sociedade humana, que afeta diretamente a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o outro em sua vida social, ao mesmo tempo em que torna o indivíduo cada vez mais influenciável em uma sociedade que a cada dia se torna mais midiaticizada.

Bauman (2001) evidencia que a ótica capitalista veio por romper com os paradigmas sociais vigentes, impondo ao indivíduo uma nova forma de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Contudo, se antes este indivíduo se via preso aos costumes e tradições de outrora, agora ele se vislumbra diante de um leque de possibilidade, cabendo assim ao próprio indivíduo identificar e, conseqüentemente, moldar-se diante desta gama de novas possibilidades que a sociedade moderna lhe apresenta.

Acerca dos impactos da crescente influência da mídia na produção das relações sociais do indivíduo em uma sociedade cada vez mais globalizada, Farias e Monteiro (2012), salientam que nesta nova realidade, o indivíduo está a todo momento buscando encontrar novas maneiras de se sentir aceito, sendo tal processo intermediado por tudo aquilo que expõe de si nas redes sociais.

Hall (2006, p. 14), destaca que “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas”, e é justamente nesse caráter de mudança presente na sociedade moderna que se encontra o terreno fértil para as transformações advindas do processo de globalização e a concomitante disseminação de uma sociedade cada vez mais tecnológica e midiática.

Retomando nesta perspectiva o pensamento de Giddens (2002), observa-se que é através da linguagem – em suas múltiplas representações – que se é transmitida toda a experiência humana, desta forma, é tangível em uma sociedade marcada pela globalização das relações sociais, o vislumbre cada vez maior dos meios tecnológicos no processo de constituição das relações humanas.

No que diz respeito às relações estabelecidas pelo indivíduo, Bauman (2001), destaca os impactos da relação de dois conceitos: tempo e espaço. Por espaço entende-se o tudo que é almejado, que se configura como objeto de interesse, contendo ou não um significado/valor para o indivíduo e, por sua vez, sendo o mesmo caracterizado enquanto um ser em constante construção e que esta premissa está atrelada ao seu desenvolvimento e ao que este vislumbra na sociedade em um dado momento, ressalta-se aqui o conceito de “tempo”, que é aquele necessário para percorrer e demarcar esse período.

Assim, o espaço/tempo também é reflexo da sociedade que agora é moderna e fluida, vemos a amplitude da evolução nos âmbitos econômicos, industriais, sociais e principalmente tecnológicos, oferecendo ao indivíduo novas formas de aquisição do seu espaço, seja ele no que se refere ao quesito material, social ou afetivo. Porém, essa tecnologia também pode levar ao distanciamento, já que o contato físico não se torna necessário, levando o indivíduo a construções de espaços vazios, sem significado ou importância, que ressaltam a fluidez de forma negativa, colocando a relação como algo descartável. Essa evolução também requer agilidade, aqui relacionada ao tempo, que também podem atribuir aspectos negativos, onde se corre pela busca de algo que caso não tenha sido atribuído valor, torna-se algo inútil (BAUMAN, 2001).

Desse modo, torna-se necessário a discussão acerca de mais dois conceitos que contribuíram para a compreensão da constituição das relações sociais em uma sociedade cada vez mais conectada.

O primeiro refere-se à perspectiva apresentada por Moscovici (2007), acerca do papel das representações sociais na correlação entre indivíduo e sociedade, desta forma, pode-se dizer que as representações sociais:

... são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente. (MOSCOVICI, 2007, p. 37).

Logo, este fenômeno seria um processo de construção e reconstrução por parte do indivíduo das significações presentes na sociedade, e como resultado, faz com que a própria sociedade perpassasse por um processo de transformação de seus conceitos e valores.

Sendo esta característica de não estaticidade das representações sociais que possibilitaria ao indivíduo todo o seu processo de adaptação e evolução dentro do campo social, se adequando e ou rompendo com os paradigmas presentes na sociedade humana a cada momento.

Neste contexto, e diante de uma sociedade cada vez mais diversificada e ao mesmo tempo presa a constructos sociais de outrora, o indivíduo vê-se em um contexto no qual ao mesmo tempo que necessita se encaixar nas tradições sociais herdadas pelas conjecturas familiares, este mesmo indivíduo, vê-se compelido a buscar novas formas e maneiras de se compreender e de se fazer compreendido em um contexto social que é predominantemente demarcado pela imersão em novas tecnologias, que introduzem novas formas de agir e pensar a sociedade atual.

Desta forma, Moscovici (2007), salienta que as representações sociais apresentam:

... como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2007, p. 79).

A partir dessa premissa, pode-se observar as considerações acerca dos discursos, e de que maneira eles corroboram para a análise das relações estabelecidas pelo indivíduo dentro do seu campo social, Maguire e Ball (2011, p. 176), estabelecem que é através dos “discursos sobre o que pode ser dito e pensado, mas também sobre

quem pode falar, quando, onde e com que autoridade. Os discursos incorporam o significado e o uso de preposições e palavras”.

Assim é através deste que se dá todo o processo de transmissão e assimilação das representações sociais pertencentes a uma ou várias comunidades sociais.

No que tange ao discurso, Foucault (2008), pontua que:

... analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. "As palavras e as coisas" é o título - sério - de um problema; é o título - irônico - do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Portanto, para que seja possível a compreensão dos mecanismos presentes no processo de transmissão e assimilação dos aspectos socioculturais inerentes a cada grupo social, tornar-se-á necessário primeiro compreender as especificidades presentes nas unidades discursivas próprias da formação da sociedade como um todo.

De modo que, para Foucault (2008),

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Assim, pensar a relação do indivíduo que se vislumbra inserido em uma sociedade conectada e marcada pelo rápido processo de transformação e inovação de suas próprias especificidades, mas que ao mesmo tempo se mantém balizada em processos sociais de outrora, impõe ao indivíduo a capacidade de se conhecer e reconhecer neste processo discursivo, que ao mesmo tempo é fixo e transitório.

3.2 Mídias digitais, identidade e relações interpessoais

Como visto, as maneiras pelas quais o indivíduo vem por desenvolver suas relações consigo e com o outro é diretamente influenciado pelos aspectos socioculturais presentes na sociedade e, desta forma, a cultura em todos os processos a ela pertencentes desempenham significativo papel na constituição do próprio indivíduo.

Neste sentido, Furtado, Pedroza e Alves (2014), salientam que a cultura:

... é definida como a totalidade de reações subjetivas e sociais que caracterizam a conduta dos indivíduos componentes de um grupo, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo consigo mesmo (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p. 107)

Para as autoras, é neste cenário que se pode compreender a própria constituição da identidade do indivíduo, uma vez que “... a identidade pode ser entendida como o produto da ação do próprio indivíduo e da sociedade” (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p. 107).

Por sua vez, recorre-se aqui a compreensão apresentada por Ciampa (1987), onde a identidade é compreendida como sendo uma metamorfose, sendo este um processo de constituição do próprio indivíduo, que é diretamente impactado pelas mudanças das condições sociais e de vida do mesmo e do meio em que está inserido. Sendo assim, está metamorfose da identidade vislumbrada através dos diferentes personagens assumidos socialmente pelo indivíduo. Portanto, Ciampa (1987, p. 198), salienta que “... o desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo...”.

Ciampa (1987), destaca que:

Se identidade é identidade de pensar e ser, a resposta que buscamos é uma resposta sempre vazia, como um salto, pois é metamorfose. O conteúdo que surgirá dessa metamorfose deve subordinar-se ao interesse da razão e decorrer da interpretação que fazamos do que merece ser vivido. Isso é busca de significado, é invenção de sentido. É autoprodução do homem. É vida (CIAMPA, 1987, p. 241-242).

Partindo dos pressupostos apresentados por Ciampa (1987), pode-se agora pensar no processo de constituição da identidade do indivíduo em uma sociedade que a cada dia se torna mais e mais conectada e dependente dos meios digitais para as rotinas mais simples da convivência humana.

Moraes (2012) destaca que atualmente a internet é o meio de comunicação mais utilizado e, diante seu crescimento em potencial, vieram às mídias digitais que

interferiram e transformaram os conceitos relacionados à cultura, socialização e processos indenitários em todo o mundo, uma nova configuração vem sendo transformada dia após dia com esse mecanismo.

Para Magalhães (2010), o processo de globalização que adveio na modernidade, ocasionou uma ruptura no que tange a identidade cultural construída até então, haja vista que antes as bases eram solidas e rígidas e agora se tem aspecto transitório e provisório diante a constante mudança na sociedade, de modo que, neste processo o indivíduo reconheceu que mesmo sendo iguais entre si, cada comunidade tinha suas características culturais e até mesmo religiosas, não podendo colar uma somente como universal. Sendo assim, o indivíduo passa a se ver como um sujeito social, que compõe e faz parte daquela específica comunidade a qual faz parte.

Por sua vez, constata-se que com a globalização e a concomitante evolução tecnológica, tem-se acesso cada vez mais a novas culturas e identidades sociais únicas de cada cultura, provocando assim o indivíduo a assumir características líquidas, isto é, a identidade do indivíduo vai se adaptando e ganhando forma a partir da relação de comunicação estabelecida com o outro e com outras culturas. Desta forma, toda essa evolução na comunicação acaba por proporcionar um intercâmbio de informações socioculturais a nível mundial, levando o indivíduo a uma variável extensa de conhecimentos que acarretam e auxiliam em seu desenvolvimento identitário, de modo que, a comunicação pode aqui ser compreendida enquanto sendo uma mediadora na construção da identidade e ao mesmo tempo dilui e dissemina as mais diversas culturas (MAGALHÃES, 2010).

Outrora as mídias digitais eram vinculadas principalmente ao entretenimento e lazer. Contudo, com seu constante avanço e acessibilidade, passou também a ser utilizado como rede de mercado, onde empresas se adaptam constantemente a essa evolução e utilizam da rede para promover e disseminar seus produtos. Além disso, o próprio usuário ganhou mais espaço, tanto para desenvolver seu perfil quanto pra disseminar seus ideais e valores transmitindo e também retendo novos conhecimentos. As redes sociais são veículos de troca de informações, notícias, dados obtidos em tempo real e promovem a possibilidade de participação e construção de debates por meio de troca e explanação da própria opinião (MORAES, 2012).

Não obstante, observa-se que as mídias digitais permitem que os indivíduos percebam a alteridades por detrás desse mundo virtual, isto é, além da diversidade de cultural e das identidades conectadas entre si, o indivíduo se identifica e compartilha das informações atribuídas a esse campo, tornando algo fundamental a sua vida e à sua construção social. Sendo assim, as interações relacionadas à alteridade por detrás das mídias digitais formam um paradoxo: com o fluxo de informações numa extensa velocidade e com a falta de integridade e veracidade das mesmas, a percepção que temos uns dos outros se torna falha, isto é, num primeiro aspecto, os dados obtidos online já são subjugados como conhecimento acerca do outro e, por conta desse fato, temos o segundo aspecto, as informações obtidas umas dos outros são impressões acerca da identidade criada online, potencializado a alteridade a esse aspecto à primeira vista (MARTINO, 2016).

Acerca do processo de construção de relações no contexto das redes sociais, Farias e Monteiro (2012), destacam que a internet trouxe um novo patamar à comunicação, sendo essa fundamental as relações humanas. Contudo, essa relação virtual promove uma necessidade na busca pela aceitação nas redes sociais, que permite ser o que deseja e não o que se é, de modo que, os laços criados nas redes sociais estão diretamente ligados à interação e a relação estabelecida dentre os usuários, ou seja, cada um constrói seu perfil com uma imagem mais assertiva de aceitação, não necessariamente condizente com seus gostos e reais características, haja vista que não sendo uma relação física, o indivíduo pode se apresentar da maneira a qual ela acha que será aceito, tornando essa relação baseada nas expectativas que ambos executam e percebem dos demais usuários.

Por conseguinte, Kahn (2019), pontua que as redes sociais criam laços e conectam diversos perfis, que são as identidades online de cada indivíduo, conexões estabelecidas em página virtual de caráter único, isto é, provocam mudanças em tantos aspectos que daí vem sua complexidade, algo que caracteriza o indivíduo tanto em seu interior quanto exterior, na maneira como é visto por si mesmo e/ou pelos demais, levando a reflexões e construções e repaginações de suas condutas, características ou até mesmo ideais e conceitos.

Neste contexto, observa-se que por meio das mídias de massa o indivíduo já sofre influência em sua construção da identidade, isso também ocorrerá no meio

cibernético e, mediante a proporção desse campo o colocará também como agente transformador, isto é, além da internet facilitar na estruturação de sua própria identidade será um influenciador para a construção de outros perfis. Onde através da internet o indivíduo ganha novos moldes no processo da constituição de sua identidade, onde a rede estabelecida promove conexões com outras pessoas e isso leva a liberdade, tanto de demonstrar como em adquirir e influenciar outras identidades. As redes sociais são exemplos disso, onde conectam perfis em todo mundo, propagando e disseminando culturas diferentes entre si, aproximando e ampliando comunidades, apesar da distância, explanando uma infinidade de campos para estruturação identidades (MAGALHÃES, 2010).

Bauman (2013), no que tange ao paradoxo no qual o indivíduo busca ao mesmo tempo sua individualidade e o pertencimento a um grupo, se encontram expressos:

Os desejos e aspirações contraditórios [...] são o anseio de um sentido de pertencimento a um grupo ou aglomeração e o desejo de se distinguir das massas, de possuir um senso de individualidade e originalidade; o sonho de pertencimento e o sonho de independência; a necessidade de apoio social e a demanda de autonomia; o desejo de ser como todos os outros e a busca de singularidade. Em suma, todas essas contradições resumem-se ao conflito entre a necessidade de dar as mãos, em função do anseio de segurança, e a necessidade de ceder, em função do anseio de liberdade. Ou, se olharmos esse conflito de outra perspectiva, o medo de ser diferente e o medo de perder a individualidade; ou da solidão e da falta de isolamento (BAUMAN, 2013, p. 24).

Sendo assim, ao se conectar na internet, cada indivíduo constrói uma identidade virtual que pode ser acessada a nível mundial, criando um perfil, um personagem a partir do que apresenta ou daquilo que deseja e almeja que vejam de si próprio (FARIAS; MONTEIRO, 2012). Portanto, o indivíduo encontra-se neste processo em que ao mesmo tempo que deseja ser reconhecido como pertencente a um grupo, anseia por manter sua singularidade, aquilo que o torne único nos meios de todos os demais.

Como visto, as redes sociais constituem-se enquanto sendo mecanismos criados e utilizados pelo indivíduo como uma identidade virtual. Porém, esse perfil é uma representação, haja vista que a sociabilidade se dá pela maneira como o indivíduo se apresenta e de como é visto pelo outro e, essa apresentação pode condizer com sua realidade ou não, mostrando que os indivíduos são atores no mundo virtual e, como cada rede social tem sua peculiaridade, umas utilizam da escrita, outras mais do aspecto

visual, pode-se observar aí aspectos e percepções diferentes de um mesmo indivíduo (MAGALHÃES, 2010).

Farias e Monteiro (2012), evidenciam que o processo de identificação promovido nas mídias sociais é ligado ao fator grupal ao qual o usuário quer pertencer. Sendo assim, assume um papel no perfil criado com as características que vão promover essa aceitação, diferentes de sua vida física, concreta, associando e se adaptando à sua imagem os demais perfis que são em sua grande maioria projeções de suas idealizações.

Assim, conforme destacado por Bauman (2004), a busca por encontrar identificação, constituir-se-ia enquanto algo singular do próprio indivíduo, de modo que, “identificar-se com” representaria uma busca por um abrigo longe de dominação e ou influência, mas sim um sentimento de pertencimento que afastasse a percepção de solidão.

3.3 Subjetividade e a psicologia frente às relações virtuais

Tendo-se discutido as configurações biopsicossociais que constituem todo o fenômeno em torno da inserção do indivíduo em uma configuração de seu modo de ser demarcado na contemporaneidade pelas relações virtuais, cabe agora, inferir acerca dos impactos deste processo na constituição da própria subjetividade do indivíduo e como a psicologia em si, pode contribuir para essa análise.

Diante deste contexto, compreende-se que o papel da psicologia está correlacionado a análise do ponto onde emerge a criação e concomitante reprodução da realidade constituída, e na busca pela defesa das relações que são constituídas nesta realidade (GUARESCHI, 2018).

Guareschi (2018), destaca que em decorrência destes processos, cada vez mais, observa-se que fenômenos que antes eram tidos como concretos hoje passam por processos que não mais se sustentam por si só, ou seja, os fatos agora passam a ser medidos e sustentados pela convicção do próprio indivíduo.

Para Moreira (2010), a psicologia deve buscar compreender os impactos que as mídias digitais detêm sobre a formação da subjetividade do indivíduo, de modo que:

Sabemos que o sujeito se organiza através do seu corpo, no espaço e no tempo,

mas este corpo, na modernidade líquida [...] não responde a um lugar de necessidade: apresenta-se como um espaço de liberdade, pois no ciberespaço o sujeito pode assumir a identidade que desejar e conectar-se imediatamente a qualquer lugar; o tempo e o espaço não se configuram como limites (MOREIRA, 2010, p. 04).

Esta passagem evidencia o caráter multideterminado que a subjetividade assume com o surgimento das mídias digitais, uma vez que agora, o indivíduo passa a ter acesso a múltiplos elementos que irão contribuir direta e indiretamente para a sua própria identificação.

Parpinelli e Fernandes (2011), ao analisarem as contribuições de Foucault, destacam o conceito de modos de subjetivação, quanto práticas que viriam por constituir o indivíduo, que o configuram como o ponto entre o saber e o poder. Aqui a subjetividade é compreendida enquanto sendo relacionada a um contexto histórico, que seria regulador dos diferentes modos de subjetivação, assim, a formação da subjetividade se daria em função de um dado momento da história, aspecto este que possibilita compreender as diferentes forças (saber e poder) que ali atuaram.

Neste cenário, observa-se que:

Essas forças que perpassam intermitentemente a subjetividade influenciam os modos de subjetivação sem determiná-los, possibilitando aos sujeitos, enquanto prática de si, liberdade e autonomia para engendramos modos de subjetivação não submetidos aos ditames do saber e do poder, permitindo um exercício de liberdade, de fuga de rótulos, estigmas, vícios e rotinas pessoais ditadas por saberes e poderes regulados socialmente (PARPINELLI; FERNANDES, 2011, p. 198).

A partir dessa concepção apresentada, pode-se compreender que os processos de formação da subjetividade de cada indivíduo estão diretamente interligados ao contexto sócio-histórico em que ele está inserido, e ao mesmo tempo pensando em uma sociedade cada vez mais conectada e dependente das mídias digitais, os processos de formação da subjetividade estão cada vez mais conectados com os mecanismos presentes nestas interações virtuais.

Deleuze e Guatarri (1980 *apud* PARPINELLI; FERNANDES, 2011), apoiados nos pressupostos foucaultianos veem por compreender os processos inerentes subjetividade, como sendo um sistema aberto e constituído ao se conectar a multiplicidade de fatores que compõem a realidade, sendo moldada pelo conhecimento e experiências próprias e cada indivíduo. Portanto, torna-se necessário:

compreender a subjetividade como a intersecção de inúmeros componentes de subjetivação que se ligam e re-ligam intermitentemente, confluindo e endossando o processo de subjetivação dos sujeitos [...] subjetividade como um processo no qual o sujeito se apresenta como resultado da convergência de vetores de produção que ganha forma ao se conectar a múltiplos elementos como as relações familiares, a mídia, a cultura, a arte, a violência social, entre outros (PARPINELLI; FERNANDES, 2011, p. 198-199).

Diante dessa realidade, o indivíduo é o produto da percepção obtida da transmissão dos valores e normas presentes na cultura a qual está inserido, que são alicerces na constituição da subjetividade. Esse fator também é construído a partir da experiência vivida, daquilo que já lhe é atribuído diante dos fatores históricos, dos que são praticados regularmente e daqueles que são característicos de si mesmos, partindo da subjetividade estabelecida e constituída pelas variáveis em questão. Sendo assim, leva o sujeito a uma relação que proporciona conhecimento de si e do próximo, facilitando a busca pela realização individual (ASSUNÇÃO; JORGE, 2014).

Portanto, o que se constata na contemporaneidade é um dispositivo que visa à subjetivação através de um regime que impõe a busca pela afirmação e reconhecimento nas mídias digitais, assim, ao se produzir visibilidade, catalisa a produção do indivíduo hiperconectado em toda a sua potência, aspecto este que acaba por não possibilitar o tempo necessário para que o indivíduo seja capaz de absorver tudo que lhe é acessível através das mídias digitais (GUARESCHI, 2018, ASSUNÇÃO; JORGE, 2014).

Guareschi (2018), destaca ainda que com a presença cada vez mais incisiva dos meios digitais na vida dos indivíduos, fica cada vez mais evidente a transposição para uma subjetividade digital, que seria advinda em função do crescimento cada vez maior, da importância da tecnologia na realidade de todos.

Desta forma, constata-se que com o:

... surgimento de uma subjetividade digital, com objetivos específicos de transformar os seres humanos em objetos de interesse um tecnocapitalismo financeiro internacional. Parece ser uma hipótese arriscada, mas desejamos prevenir e argumentar que numa era Pós-verdade, com a parafernália das novas tecnologias, principalmente na área da comunicação, e com o auxílio da Psicologia, torna-se possível construir valores e subjetividades que assemelhem os seres humanos a robôs, diminuindo e ferindo fortemente sua consciência e liberdade (GUARESCHI, 2018, p. 27).

Assim, a partir de um contexto, onde o virtual cada vez mais ganha forças e contornos complexos na vivência de cada indivíduo, faz-se necessário o pensar uma psicologia que vislumbre essa nova forma de pensar, agir e se fazer existir próprio da

contemporaneidade, uma vez que, mais do que no contexto da realidade concreta, o contexto da virtualidade, apresenta e fortifica a perspectiva do corpo moldável, capaz de ser transformado a um clique, corpo este que é o que “... a cultura necessita – que consome e é consumido pelo outro – mas não há como determinar o lugar da instância disciplinadora, onde o controle começa ou termina” (ASSUNÇÃO; JORGE, 2014, p. 157).

4 Considerações Finais

Como salientado ao longo deste estudo, a sociedade humana veio sofrendo significativas transformações durante todo o seu processo de desenvolvimento, sendo que em cada etapa diferentes dispositivos foram constituídos enquanto elementos centrais para a estruturação de todo o corpo social. Com o advento da contemporaneidade, observou-se que a internet veio cada vez mais ocupando o lugar de base para a estruturação de todas as relações sociais, e desta forma, assumindo cada vez mais um papel central na própria constituição de cada indivíduo.

Neste contexto, destaca-se que a psicologia sempre desempenhou um importante papel nos processos de compreensão dos mecanismos de comunicação e de que forma estes insidiam sobre as relações do indivíduo, aspecto este que não se alterou com a emergência da era digital.

Assim, o que se observa é que por um lado, o indivíduo tem a reflexão daquilo que lhe é apresentado e absorvido por meio das relações estabelecidas no seu cotidiano, e por outro lado, a ação que vem a partir da conclusão adquirida e analisada, que dá sustentação ao pensamento que agora é característico de si mesmo.

Além da complexidade em se constituir enquanto sujeito as mídias digitais também vem afetando na maneira como o mesmo se relaciona com os demais indivíduos, haja vista que a internet é uma rede de comunicação facilitadora. Porém, com o fluxo intenso e rápido de transformações dos conteúdos nela inseridas que se modificam constantemente, temos um paradoxo entre o real e imaginário, isto é, dá-se ao indivíduo a liberdade de criar perfis em redes sociais que são uma representação e, já que a sociabilidade se dá pela maneira como o mesmo se apresenta e de como é visto pelo outro, essa apresentação pode condizer com sua realidade ou não, sendo fictício e ao mesmo tempo aceitável, facilitando a comunicação e no estabelecimento das relações, mas sem embasamento sólido e seguro, o que pode levar a uma

fragilidade.

Portanto, diante de uma sociedade cada vez mais conectada, e de um indivíduo que a todo momento, compreende a si mesmo e a sua relação como outro, através dos impactos que as mídias digitais exercem sobre suas relações cotidianas, torna-se cada vez mais imperativo que a psicologia enquanto ciência e profissão se mantenha atualizada frente a era virtual, que se aproprie e aprofunde o debate em torno das relações que agora emergem neste novo contexto biopsicossocial, observando e auxiliando na compreensão desses impactos provenientes das relações virtuais.

Referências

- ASSUNÇÃO, A. B. M.; JORGE, T. M. **As mídias sociais como tecnologias de si.** ESFERAS, Ano 3, no 5, 2014. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5331/3644>> Acesso em 25 de outubro de 2020.
- BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CIAMPA, A. C. (1987). **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social.** São Paulo, Brasiliense.
- DEIRO, M.; SILVEIRA, P. **Efeitos da globalização e da sociedade em rede via internet na formação de identidades contemporâneas.** Psicologia ciência e profissão, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n4/v24n4a06.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2020.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia.** São Paulo: Melhoramentos. 6ª ed. 1965.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1994.
- FARIAS, L.; MONTEIRO, T. **A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona.** INTERCOM – XIX Prêmio expocom. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/r32-1497-1.pdf>> Acesso em 10 de setembro de 2020.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ª ed., 2008.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C; B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural.** Psicologia & Sociedade, 26(1), 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/12.pdf>> Acesso em: 20 de setembro de 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, P. **Psicologia e Pós-Verdade: a emergência da subjetividade digital.** PSI UNISC, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12242>> Acesso em 25 de outubro de 2020.

HALL, Stuart A. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª ed., 2006.

KUHN, R. **[Em-nós] identidades instagranianas.** Dissertação (Mestrado em Artes visuais) Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria – RS. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19123>> Acesso em: 10 de setembro de 2020.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 28ª reimpressão. 2017.

MAGALHÃES, D. C. **Construção da identidade em redes sociais: análise do Orkut.** INTERCOM – XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/r21-0040-1.pdf>> Acesso em 10 de setembro de 2020.

MAGUIRE, M.; BALL, S. J. **Discursos da reforma educacional no Reino Unido e nos Estados Unidos e o trabalho dos professores.** In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (org.). Políticas educacionais: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINO, L. M. S. **A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva e identidade e diferença.** Lumina, Vol.10, nº 2, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21271> > Acesso em: 10 de setembro de 2020.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MORAES, E. **Mídias sociais, identidade e autoria.** ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 41 (3), 2012. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1134/699>> Acesso em: 10 de setembro de 2020.

MOREIRA, J. O. **Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade.** Psicol. Am. Lat. no.20, México, n. 20, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 25 de outubro de 2020.

MORETZSOHN, S. D. **O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais.** Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/view/7310/pdf#.WvIQ84gvy02>> Acesso em: 20 de abril de 2020.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicológica social.** Petrópolis: Vozes, 5ª ed. 2007.

PARPINELLI, R. S.; FERNANDES, S. L. **Subjetivação e Psicologia Social: dualidades em questão.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a13.pdf>> Acesso em: 25 de outubro de 2020.

PAZ, S.; MEURER, F. **Geração Y e a Comunicação: Influência das Mídias Digitais no Relacionamento Interpessoal e Comportamento.** XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu – 2 a 5/9/2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1822-1.pdf>> Acesso em: 22 de abril de 2018.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social.** São Paulo: Huntersbooks, 2014.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 22, 2003. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229/2493>> Acesso em 20 de outubro de 2020.

SANTOS, J. L. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

UNGERER, R. **Sociedade globalizada e mídia digital.** IN: ABREU, C. N.; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. B. Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.